

GEOGRAFIA URBANA CRÍTICA: ANAMNESI SOBRE O ESPAÇO URBANO DE TERESINA

GEOGRAFÍA URBANA CRÍTICA: ANAMNESI SOBRE EL ESPACIO URBANO DE TERESINA

Fernando Edson de Abreu Ramos

Especialista em Gestão Ambiental e Desenvolvimento Sustentável. Mestrando em Geografia-PPGGEO- UFPI.

E-mail: fernando-geo@outlook.com

Rafaela dos Santos Leal

Especialista em Docência do Ensino Superior. Mestranda em Geografia-PPGGEO-UFPI

E-mail: rafaelasantosleal@hotmail.com

RESUMO

A construção de horizontes de pesquisas geográficas por meio da abordagem dialética culminou em produções acadêmicas não reducionistas no âmbito da mencionada disciplina, as quais foram nomeadas de metageografia. De acordo com essa perspectiva, o caminho para atingir a compreensão do caráter multifacetado do espaço urbano se delineia a partir principalmente, de dois pontos: a centralidade da categoria produção social do espaço e da categoria totalidade. Pretende-se pensar a articulação entre teoria e prática a partir da práxis socioespacial como momento de reprodução da sociedade urbana teresinense. A metodologia utilizada na elaboração do artigo foi à pesquisa bibliográfica e a observação empírica dos núcleos centrais da cidade de Teresina-PI. O objetivo geral do artigo é fazer um registro da cidade de Teresina sob a perspectiva da metageografia. Para atingir tais objetivos realizou-se a reflexão da cidade de Teresina a partir das categorias de produção social do espaço e de totalidade. Como resultados afirma-se que as transformações no núcleo central de Teresina, tanto em suas funções urbanas como em suas formas e processos de modernização não colaboram para a manutenção da memória da cidade, a Teresina antiga e planejada em xadrez já não existe mais, deu lugar a uma grande cidade, centro regional. Pouco de sua memória foi poupada pela especulação imobiliária e sua arquitetura vem sendo consideravelmente destruída.

Palavras-chaves: Geografia Urbana. Pensamento crítico. Espaço urbano.

RESUMEN

La construcción de horizontes de investigación geográfica a través del enfoque dialéctico culminó en producciones académicas no reduccionistas en el ámbito de la mencionada disciplina, que fueron denominadas metageografía. Según esta perspectiva, el camino para lograr una comprensión del carácter multifacético del espacio urbano se perfila principalmente desde dos puntos: la centralidad de la categoría de producción social del espacio y la categoría de totalidad. Se pretende pensar la articulación entre teoría y práctica desde la praxis socioespacial como momento de reproducción de la sociedad urbana de Teresina. La metodología utilizada en la elaboración del artículo fue la investigación bibliográfica y la observación empírica de los núcleos centrales de la ciudad de Teresina. El objetivo general del artículo es registrar la ciudad de Teresina desde la perspectiva de la metageografía. Para lograr estos objetivos se realizó la reflexión de la ciudad de Teresina a partir de las categorías de producción social del espacio y la totalidad. En consecuencia, se afirma que las transformaciones en el núcleo central de Teresina, Tanto en sus funciones urbanas como en sus formas y procesos de modernización, no contribuyen al mantenimiento de la memoria de la ciudad, la antigua y planificada Teresina en el ajedrez ya no existe, dio lugar a una gran ciudad, centro regional. Poco de su memoria se ha salvado por la especulación inmobiliaria y su arquitectura ha sido considerablemente destruida.

Palabras clave: Geografía Urbana. Pensamiento crítico. Espacio urbano

INTRODUÇÃO

A “tradição” do pensamento crítico na Geografia brasileira, em particular na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da USP, propõe um caminho de abordagem denominado metageografia, que seria a “construção da dialética de um horizonte de pesquisa em Geografia” (CARLOS, 2018).

O caminho para atingir tais propósitos se delineia a partir de dois pontos: a centralidade da categoria produção social do espaço e da categoria totalidade. Busca-se assim, superar a elaboração do saber reducionista e parcelar no âmbito da Geografia e pretende pensar a articulação entre teoria e prática a partir da práxis socioespacial como momento de reprodução da sociedade.

A metageografia contempla uma diversidade e uma riqueza metodológica que nos estimula a refletir com atenção à luz do norte teórico

invocado, confrontando-o com outras abordagens também críticas presentes na geografia.

O objetivo geral do artigo é fazer um registro da cidade de Teresina sob a perspectiva da metageografia. Para atingir tais objetivos realizou-se a reflexão da cidade de Teresina a partir das categorias de produção social do espaço e de totalidade. A metodologia utilizada na elaboração do artigo foi à pesquisa bibliográfica e a observação empírica dos núcleos centrais da cidade de Teresina.

GEOGRAFIA CRÍTICA RADICAL E A TEORIA SOCIAL

Carlos (2018) dedica-se ao percurso teórico-metodológico orientado pela dialética de Karl Marx e, posteriormente, reinterpretada por Henri Lefebvre, “geografia marxista-lefebvriana”. Com isso, ampliam-se as discussões da Geografia urbana com base em análises que unem pensamento e ação (teoria-prática) na interpretação da produção socioespacial.

A superação da ideia de um espaço geográfico como palco da ação humana, passando para a ideia de produção social do espaço como momento da produção da vida em seus conteúdos sociais, a ideia de população organizadora do espaço, e a sociedade em sua condição de sujeito que transforma a natureza em mundo social são pressupostos básicos da metageografia.

Espaço e tempo aparecem através da ação humana em sua indissociabilidade, o que situa o início da reflexão na dialética teoria-prática. A geografia como ciência social nos obriga a pensar o papel do espaço na dinâmica social do mundo que se constrói como prática sócio-espacio-temporal.

Desse modo pode-se afirmar que a cidade apresenta-se com conteúdos e formas distintas, representando momentos das sociedades passadas e do

presente. No caso específico da cidade de Teresina, a mesma já surgiu como proposta de modernidade e de progresso para o Piauí, apenas proposta.

De acordo com Antônio Saraiva a cidade de Teresina deveria transformar-se em centro dinâmico da economia e da sociedade piauiense, na qual foi pensada para alavancar o progresso do Piauí (CEPRO, 2002). De fato, ao pensar a transferência da capital de Oeiras para Teresina, qual seria o real motivo para tal transferência, se não a mudança de localização para uma posição mais estratégica.

Em se tratando da dinâmica urbana da “moderna” Teresina, contrasta bastante com a antiga cidade de Teresina, idealizada por Saraiva. Nessa última pode-se falar em alguns monumentos simbólicos arquitetônicos, logradouros públicos como: a antiga Praça Rio Branco, onde está situada a Igreja do Amparo, Praças Pedro II, João Luís Ferreira e Marechal Deodoro da Fonseca, até hoje representativas de grandes centros urbanos.

De acordo com Lima (2002) destaca-se que o plano inicial da cidade de Teresina possuía 100 quarteirões para abrigar os elementos fundamentais da administração pública, estando fora desse limite apenas o cemitério, a cadeia e um poço.

O estudo apresentado nesse artigo é representativo de uma leitura que escapa aos paradigmas estruturalistas, o lugar e o existencial são mais centrais para a leitura em questão, as memórias, as lembranças de uma Teresina que já não existe mais. Enfim, a vida em sociedade.

Segundo Peter Gould (1987 *apud* CARLOS, 2018, p. 21) “[...] uma das mais pujantes tendências da Geografia atual é incluir em sua investigação o marco mais amplo da teoria social”. Na verdade tal tendência é herdeira do marxismo e do materialismo histórico aplicado a Geografia. Nessa linha de pensamento as relações sociais de produção constituem-se em categoria de análise fundamental do objetivo de compreensão “o espaço urbano”.

Teresina corrobora na compreensão do espaço urbano como reflexo e condicionante social. Em determinado momento da história da cidade, a Rua

Paissandu é remetida a zona de prostituição, em tempos em que a cidade não dispunha de muitos lugares de divertimento depois das 21 horas. Abaixo (Figura 1) e (Figura 2) observa-se a Rua Paissandu e o panorama do centro da cidade, nas mediações da igreja de Nossa Senhora do Amparo.

A Rua Paissandu era onde jovens, adultos e homens casados se aventuravam fora do seio familiar. “Algumas casas noturnas daquele espaço de sociabilidade ficaram na memória coletiva masculina pelo brilho de suas festas, tocadas por músicos oriundos da banda de música da Polícia” (CEPRO, 2002).

Figura 1- Fotografia da rua Paissandu, antes e depois

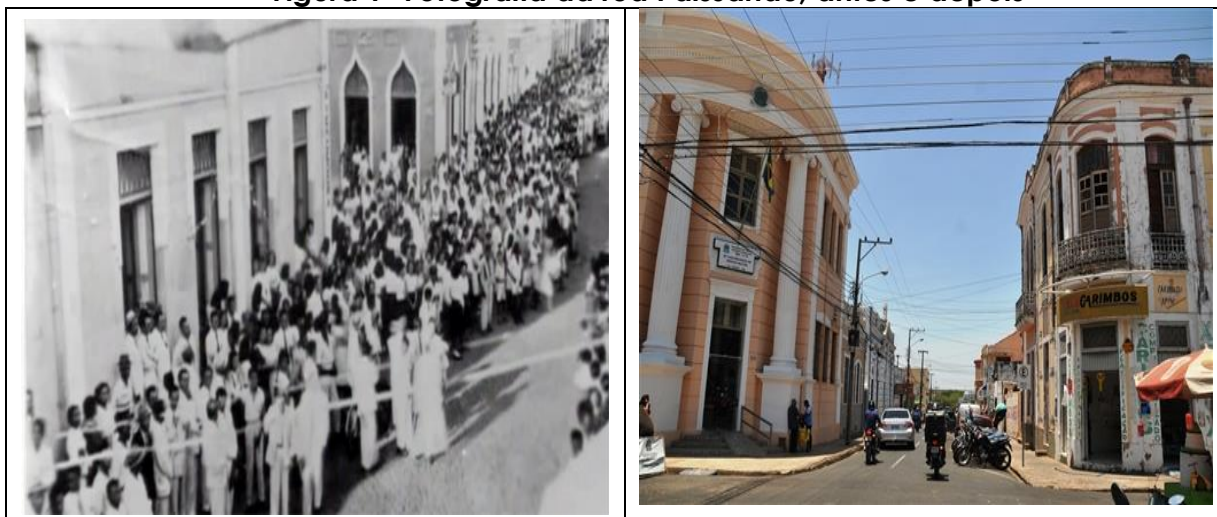
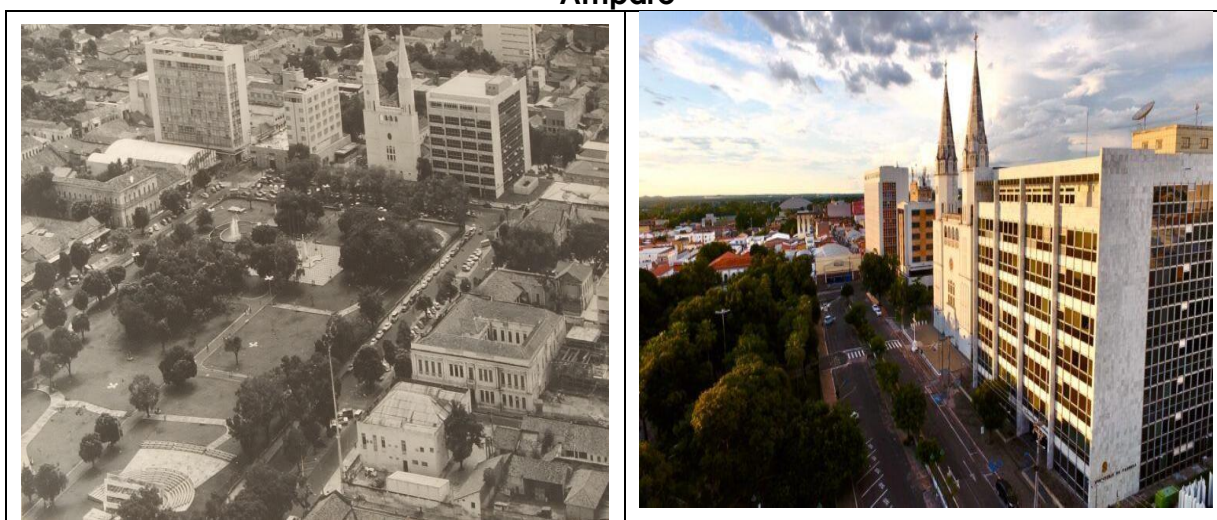


Figura 2 - Fotografia do núcleo central de Teresina e Igreja Nossa Senhora do Amparo



Fonte: 180graus(2015); Piauíhoje.com (2016).

As noites da Rua Paissandu no centro histórico de Teresina, “com sua ornamentação festiva e colorida que brilhava com iluminação artificial, contrastava com a escuridão que fazia fora dali” (CEPRO, 2002). Outro logradouro central em Teresina é a Praça Rio Branco, onde havia o Café Avenida, local onde a elite intelectual juntava-se na década de 1940, e que atualmente deu lugar a um estacionamento de veículos.

A Rua Paissandu e a Praça Rio Branco, configuram-se em exemplos claros de mudanças de funcionalidades nesses logradouros do centro tradicional de Teresina. Deve-se compreender a contradição, a necessidade da realidade em sua totalidade, e isso requer a relação indissociável entre a teoria e a prática.

A produção do espaço é compreendida como uma produção que ganha centralidade neste momento da história, sendo objeto das estratégias de acumulação capitalista, aprofundando as desigualdades e as segregações, ao produzir morfologias espaciais que revelam extremos de expropriação.

Segundo Laval e Dordot (2015, apud RIBEIRO, 2018, p.53) atualmente o espaço é “marcado pela lógica da concorrência em toda extensão da sociedade, o que resultou em um novo sistema de normas que se apodera das atividades laborais”. Tal lógica, engendrada nos comportamentos sociais e nas mentalidades individuais causa efeitos indesejáveis ao conjunto da sociedade, à medida que cada indivíduo elege o status como via objetiva a ser atingida.

Desse contexto de crescente individualismo, a questão das resistências são práticas correntes nas cidades contemporâneas, principalmente no bojo dos processos de territorialidades urbanas e do direito ao uso do espaço urbano. É flagrante o drama dos moradores de rua, suas territorialidades são quase sempre marcantes nos grandes centros.

Teresina entra no século XXI com características bem diferentes daquela antiga cidade onde a Rua Paissandu e suas principais praças eram os locais

com maior movimentação. Ainda em meados do século XX a cidade já se configurava em uma malha urbana de proporções completamente impensáveis pelo então conselheiro Saraiva, se o planejamento exige a visão de futuro, pode-se chamar Teresina de cidade planejada?

Com a expansão do capitalismo financeiro e o crescimento do setor da construção civil e da especulação imobiliária na capital Teresina, logo a urbanização se fez para além do rio Poti, anterior limite natural ao Leste da cidade. Bairros novos e “modernos” como o Joquei Clube e Ilhotas surgem nesse contexto.

O crescimento de Teresina se deu, não somente em função do incremento natural da população residente, mas, sobretudo, em decorrência do intenso fluxo migratório de cidades de pequeno porte e de áreas rurais em direção ao município (LIMA; LOPES; FAÇANHA, 2017).

Em Teresina a reprodução do espaço não se processa sem conflitos e resistências. A desigualdade se amplia na paisagem urbana, apesar de alcançar um patamar elevado de produção material. Desse modo tende-se a observar no espaço urbano pontos de circuito inferior da economia, mercado informal e desigualdades de várias naturezas.

O lugar é o alicerce real e material de emprego do tempo, onde a vida se desenrola e onde se constroem os laços de confiança, de reconhecimento e de pertencimento. É no lugar que tecemos vínculo com a família, com os vizinhos e é a partir dele que se tem uma referência em relação a um entorno mais amplo. Esses aspectos de cunho subjetivos e fenomênicos talvez expliquem a força da resistência dos atores sociais submetidos a injustiças e contradições socioespaciais.

ESCALAS GEOGRÁFICAS: DE INSTRUMENTO A OBJETO

“Na Geografia, o incômodo com uma identificação imediata do conceito de escala a sua dimensão geométrico-cartográfica ajudou a promover a busca por uma noção mais ajustada à disciplina” (SANTOS, 2018,

p. 88). Sucessivas tentativas procuraram vincular a noção de escala a um universo conceitual mais complexo que aquele definido normalmente por uma operação matemática, e buscava-se uma maior proximidade com o espaço geográfico.

É necessário romper com o círculo epistêmico da escala cartográfica. “Iluminando algumas linhas de tensão, tornou-se frequente o recurso à diferença entre a noção de escala cartográfica e escala geográfica” (SANTOS, 2018, p. 90).

Dessa maneira é apresentada uma perspectiva crítico realista, em que, a partir da dimensão escalar do objeto, a escala é retratada como um elemento dinâmico da realidade, a dimensão escalar é consequência da atividade social, econômica, política e conteúdo dos componentes da natureza, ou seja, uma dimensão escalar do próprio processo social.

Levando em consideração a problema da escala, pode-se formular uma leitura crítica a respeito da cidade de Teresina, levando em conta as contradições existentes no espaço urbano. O realismo geográfico é importante, no entanto para se compreender alguns aspectos da vida social e urbana, é preciso ir além do visível, sair do campo das aparências e penetrar no campo das essências.

Teresina foi idealizada dentro de um espaço limite, em padrão xadrez, perfeitas quadras que marcam a escala de existência do centro tradicional da cidade. Esses limites logo foram extrapolados, dando origem a bairros ou centros secundários como o Mafuá e Mantinha ao norte, bairros Piçarra, Vermelha e Cabral ao sul.

Composta pelo ordenamento das principais atividades que seriam desenvolvidas em Teresina, o projeto inicial contava com instalação de praças, quartel, cemitério, cadeia, mercado, o Liceu, o Teatro Santa Teresa e o Educandário de Artífices (SILVA, 2020).

Bairros mais antigos e distantes, núcleos de povoados da antiga cidade projetada, como o Poti Velho, existiram mesmo antes da inauguração de

Teresina, em 1852. Observa-se o quanto a escala métrica, das quadras projetadas e dos limites da antiga Teresina são ineficientes quando confrontados com a realidade vivida, os processos de “modernização” e econômicos não respeitam as linhas traçadas nas pranchetas dos “planejadores”.

De acordo com Santos (2018, p. 98) “[...] a escala aparece na posição de método na mediação das formas de percepção dos fenômenos, condicionadas pela intuição e desprovidas de conteúdo próprio”. Para Lefebvre (2008) existem níveis da realidade e o urbano é o nível central em nossa época, que permite a um só tempo, fazer a crítica da cidade como signo e apontar para a obra em construção que foi a cidade do passado e que atualmente é o urbano como nível da realidade social.

Segundo Brenner (2013) existe um Reescalamento no mundo atual globalizado, tanto a perspectiva de urbanização total da sociedade quanto à noção de implosão explosão, ambas de extração lefbvriana, sugerem a ele importantes diretrizes para se pensar na produção dos novos arranjos escalares da acumulação.

Harvey (2004) a escala é elemento estratégico, produto direto das estratégias sociais e econômicas, que normalmente acabam colidindo. Nesse sentido, ele alerta para os riscos que uma tradição desatenta à problemática da escala como dimensão concreta e efetiva da realidade pode correr.

Teresina foi criada para abrigar a vida administrativa do Piauí, o crescimento da malha urbana se fez lentamente em torno do centro, que passou a concentrar as atividades de comércios e serviços necessários a sociedade. O crescimento demográfico que passou Teresina no século XX foi fator causador do espraiamento da cidade, surgindo centros secundários em áreas de bairros.

Acompanhando o crescimento populacional, Teresina expandiu-se, antes limitada pela linha férrea e o rio Poti, hoje abrange além daqueles limites. A escala dos fenômenos é definida pela sua abrangência, logo

Teresina em sua condição, não somente extrapola os antigos limites da antiga cidade projetada, mas também excede limites de seu atual zoneamento urbano, polarizando o centro norte do Piauí além de porções dos estados vizinhos do Maranhão e Ceará.

Façanha (2009) destaca o papel desempenhado por setores como comércio, saúde, educação entre outros, tornando a cidade polo e assumindo função na hierarquia urbana não só estadual, mas regional, com fortes relações com as principais cidades dos estados do Ceará, Maranhão, Pernambuco e Pará.

De acordo com Silva (2020, p. 104) “A coexistência de rodovias estabelecendo ligações entre diferentes estados e Teresina, reitera a significância na distribuição da produção realizada em outros locais”. Dessa forma, a localização estratégica e as atividades predominantes concorrem para a identificação das características adquiridas pela região de influência da cidade.

Pode-se apreender que os processos socioespaciais definem as escalas geográficas dos fenômenos, demarcando suas formas. Teresina adquire formas e funções diferentes ao longo do tempo, pois, os processos de escalonamento e reescalonamento são inerentes aos processos socioespaciais.

CENTROS TRADICIONAIS E CENTRALIDADES PERIFÉRICAS: SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL NO ESPAÇO URBANO

Inicialmente, para recuperar o conceito: centro e centralidade, Alves (2018) aborda a centralidade como produção concreta do espaço urbano, entendendo o centro como local de concentração de atividades econômicas, sociais e políticas. As riquezas socialmente produzidas na área central não alcançam toda a população urbana.

O processo de implosão/explosão do centro urbano, que resultou no surgimento de múltiplas centralidades reflete na dialética periférica. Segundo

Alves (2018) centro é local da concentração das atividades econômicas, sociais e políticas, e concentrador e irradiador de múltiplas atividades e funções.

Já a noção de centralidade constitui-se em atributo da área central. “As centralidades, tanto as tradicionais quanto as novas, se completam e concorrem entre si por investimentos, tantos públicos como privados” (ALVES, 2018, p. 112). Nesse processo há ao mesmo tempo homogeneização, fragmentação e hierarquização das centralidades.

A cidade de Teresina teve seu crescimento a partir de seu núcleo central, com o processo de crescimento urbano e a ampliação espacial, houve a necessidade e a implosão, explosão de núcleos secundários, alguns mais dinâmicos, outros menos intensos, o centro comercial do bairro Dirceu, Parque Piauí, av. Nossa Senhora de Fátima e av. Homero Castelo Branco, Teresina Shopping, Riverside Shopping dentre outros, todos são exemplos de núcleos secundários na cidade de Teresina.

Falando dessa forma, parece não haver conflitos na produção urbana, entretanto não é assim, não estar-se falando de espaços vazios, em que réguas traçam as novas formas. “Pois, tais transformações trazem como consequência a transformação do espaço, e com isso, mudanças socioespaciais e conflitos sociais” (ALVES, 2018, p. 112).

Com relação a mudanças funcionais em edifícios centrais, existe ainda a questão da perda do patrimônio arquitetônico e histórico cultural. “A realidade de Teresina demonstra que nem sempre os edifícios construídos servem de referência durante toda a vida” (CEPRO, 2002). As mudanças e o mercado imobiliário, os atores promotores do espaço urbano, o estado, dentre outros, atuam incisivamente na transformação da paisagem urbana.

As mudanças no espaço urbano resultam em mudanças em algumas funções urbanas, nos núcleos centrais, secundários e na periferia. De acordo com Alves (2018, p. 114) “A perda do centro tradicional como referência de

espaço social e de luta, se dar simbolicamente a partir das estratégias de luta dos (atores hegemônicos) e dos movimentos sociais organizados”.

A cidade de Teresina, ao longo da história teve seus símbolos e espaços democráticos atrelados à área central, como a ponte metálica, av. Maranhão, av. Frei Serafim, e Praça da Liberdade (figuras-3) espaços de lutas sociais, manifestos democráticos e de reivindicações de direitos.

Atualmente percebe-se um deslocamento dessa função social da área central de Teresina para centros secundários, tendo av. Raul Lopes e Ponte João Isidoro França como principais símbolos (Figura 4).

Figura 3 – Fotografia da praça da liberdade e Igreja São Benedito, antes e depois.

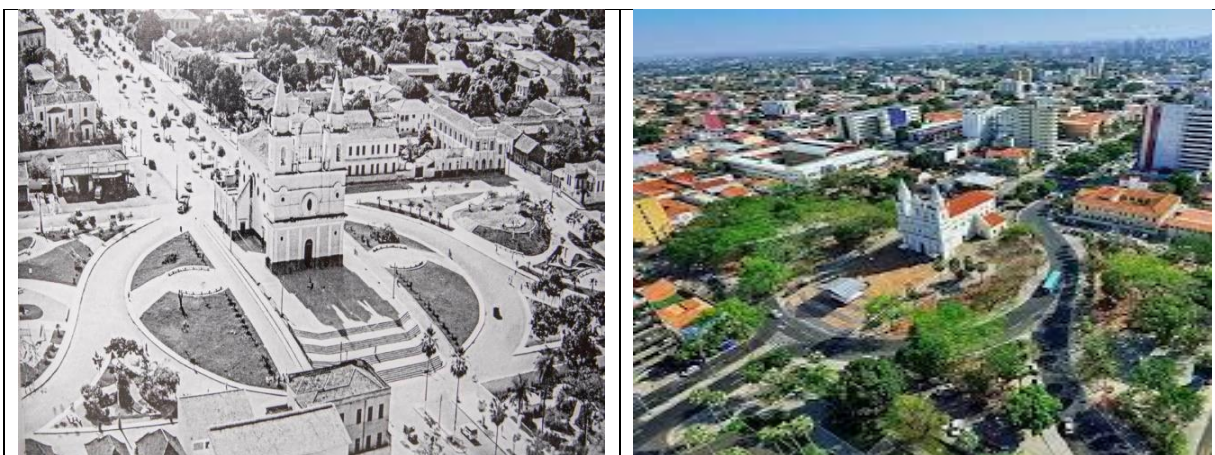


Figura 4 – Fotografia da Ponte Metálica e Ponte João Isidoro França



Fonte: Cidadeverde.com(2018); NotíciadeTimon.com (2020); Oitoemeia.com(2017).

Com a expansão da cidade de Teresina surgiram alguns subúrbios que eram espaços de transição entre as zonas rurais e urbanas, mas tinham potencialidades de vir a ser locais de crescimento social e valorização imobiliária, dessa forma áreas periféricas se urbanizaram, causando a expansão da malha urbana de Teresina.

“Em 1960 o termo periferia era utilizado pra indicar locais distantes do centro, a partir dos anos 1970, a geografia incorpora da sociologia a dimensão de periferia como associada à pobreza e à precariedade” (LANGENBUCH, *apud* ALVES, 2018, p. 115). Desse modo a expressão periferia ganha um envoltório crítico-social na Geografia urbana e das desigualdades socioespaciais.

Tendo em vista os processos relativos às mudanças funcionais no espaço urbano, surge o questionamento, o que vem acontecendo com as periferias? “Hoje existem tipos de periferias, algumas já consolidadas, e com um determinado conteúdo, outras surgindo nas bordas da cidade, muitas vezes com realidades e paisagens parecidas com as dos anos de 1970” (ALVES, 2018, p. 116).

Observando o espaço urbano, é visível que os promotores imobiliários, o Estado e os diversos setores da iniciativa privada, diante de um potencial capital, investem em áreas periféricas, afastando ainda mais as pessoas de baixa renda do centro para as franjas urbanas (mobilidade forçada da população) obrigando assim, as pessoas que resistem no local a readequarem todas as suas relações sociais diante do cenário em que se encontram.

Segundo Lima; Viana (2020) em Teresina a produção de moradias por programas habitacionais concentram-se no segmento de até três salários mínimos, chegando a se localizar fora do perímetro urbano, como é o caso dos empreendimentos no Portal da Alegria.

Desse modo, está contribuindo para a expansão da periferia da cidade. Esse modelo implantado favorece a construção de unidades habitacionais

em áreas distantes do centro, ocasionando vazios urbanos de cunho nitidamente especulativos (LIMA; VIANA, 2020).

A partir disso entende-se que os direitos e “bens” de quem tem baixa renda são temporários, podendo ser perdidos no processo, originando conflitos e lutas pelo espaço urbano. No atual estágio da sociedade à propriedade privada e sua mercantilização vem gradualmente atingindo o status absoluto.

A propriedade é um produto histórico das relações sociais e que na lógica capitalista, promove a desigualdade. Na formação da propriedade a desigualdade é ressaltada enquanto pressuposto. De acordo com Farias (2018, p. 126) “Ao se configurar o sujeito como proprietário cria-se o não proprietário, embora haja o discurso dominante que promete a todos torná-los proprietários”.

Não há como naturalizar a propriedade privada como um bem incontestável, nem mesmo entende-la como um processo evolutivo da sociedade. Isso por que ao entender como produto histórico das relações sociais capitalistas desvelam-se todos os conflitos e as violências inerentes ao processo.

No geral, pretende-se fazer alguns paralelos com a cidade de Teresina. Uma leitura urbana que se dedica à problemática das cidades capitalistas a partir da metageografia e desafia a habilidade específica. A teoria concreta totalizante implica em uma prática (práxis) capaz de transformar as relações de reprodução social.

Quanto à cidade de Teresina, seu espaço urbano já não se limita mais ao núcleo central, no geral Teresina passa por lentas transformações em suas formas, houve um rápido crescimento de sua malha urbana durante os anos 1960 e 1970, atualmente observa-se que a cidade passa por reformulações em sua infraestrutura, e seguiu um padrão que, em grande parte copia de outros centros do país os sistemas a ser aplicados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objeto do artigo é uma construção imaginária e por tanto sugere questões fundamentais que escapam aos aspectos concretos da cidade, é impalpável, as escalas espaciais são fluídas e dessa forma exige-se um grande esforço do pensamento para atingir a compreensão e construção de um conhecimento, com base nos processos socioespaciais.

Observa-se ao concluir tal leitura que um novo paradigma se impõe, as escalas do vivido e do lugar são elementares para penetrar no interior das contradições urbanas. Com relação à cidade de Teresina, a mesma não escapa aos processos de implosão-explosão de núcleos centrais. Teresina em partes é policêntrica, e tais formas, funções urbanas são o reflexo e condição de sua sociedade.

As transformações no núcleo central tradicional de Teresina, tanto em suas funções urbanas como em suas formas e processos de modernização não colaboram para a manutenção da memória da cidade, com as perdas das referências de uma Teresina que quase já não existe mais.

Percebe-se em um breve passeio pelo “centro histórico” na cidade de Teresina, que aquela cidade antiga e planejada em xadrez já não existe mais, a Teresina de Saraiva deu lugar a uma grande cidade, centro regional que polariza o centro norte do estado, o lado leste do Maranhão e o oeste do Ceará. Pouco da sua memória foi poupada pela especulação imobiliária e sua arquitetura vem sendo consideravelmente destruída ou alterada.

REFERÊNCIAS

ALVES, Glória da A. As centralidades periféricas: da segregação socioespacial ao direito à cidade. In: CARLOS, Ana F.; SANTOS, César S.; ALVAREZ, Isabel P. (org.). **Geografia Urbana Crítica, teoria e método**. São Paulo: Editora Contexto, 2018. Páginas 109-124.

BRENNER, Neil. Reestruturação, reescalonamento e a questão urbana. **GEOSP**: Espaço e tempo. São Paulo, n. 33, 2013, p. 198-220.

CARLOS, Ana F. A. Geografia crítica-radical e a teoria social. In: CARLOS, Ana F. A; SANTOS, César S; ALVAREZ, Isabel P.(org.). **Geografia Urbana Crítica, teoria e método**. São Paulo: Contexto, 2018. p. 15-34.

CIDADEVERDE.COM. Fotos antigas de Teresina do arquivo de Paulo Tabatinga. **CidadeVerde.com**, 2018. <https://cidadeverde.com/noticias/280093/veja-fotos-antigas-de-teresina-do-arquivo-de-paulo-tabatinga>. Acesso em: 11 out. 2020.

FUNDAÇÃO CEPRO. **Teresina**: CEPRO, 2002.

FAÇANHA, Antonio C. **Desenvolvimento territorial recente em espaços subregionais dinâmicos no Piauí**. 2009. 226 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

FARIAS, Camila S. de. A propriedade privada capitalista e as terras de NHANDERU. In: CARLOS, Ana F. A; SANTOS, César S; ALVAREZ, Isabel P.(org.). **Geografia Urbana Crítica, teoria e método**. São Paulo: Contexto, 2018, p. 125-155.

HARVEY, David. **Espaço de esperança**. São Paulo: Loyola, 2004.

180GRAUS.COM. **História do maior curso do mundo**, 2015. <https://180graus.com/carnaval/bordeis-da-rua-paissandu-ajudaram-a-criar-o-curso-de-the-ha-80-anos>. Acesso em 13 out. 2020.

LEFEBVRE, Henry. **O direito a cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2008.

LIMA, Iracilde M. M. F. Teresina: urbanização e meio ambiente. **Scientia et Spes**, Teresina: Instituto Camilo Filho, ano 1, n. 2, p. 181-206, 2002.

LIMA, Silvia. M. S. A; LOPES, Wilsa G. R. L.; FAÇANHA, Antonio C. A relação entre as áreas urbana e rural em cidades contemporâneas: Estudo em Teresina, Piauí, Brasil. **Revista Espacios**. v. 38, n. 24, 2017.

LIMA, Vania V.; VIANA, Bartira A. S. A produção habitacional do programa minha casa minha vida em Teresina: uma análise da infraestrutura urbana no residencial orgulho do Piauí In: FAÇANHA, Antonio C.; SILVA, Cleonice C.; DIAS, Orleando L. C.(org.). **Teresina e as cidades na região**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2020.

NOTÍCIAS DE TIMON. **Geografia de Timon**. <https://www.noticiasdetimon.com.br/sobre-timon/geografia-de-timon>, [s.d.]. Acesso em: 21 out. 2020.

OITO E MEIA. **COMPLEXO turístico da ponte estada**: como se tornou o principal cartão postal de Teresina, 2017.

Geografia: Publicações Avulsas. Universidade Federal do Piauí, Teresina, v.2, n. 2, p. 155-171 jul./dez. 2020.

<https://www.oitomeia.com.br/noticias/2017/08/19/saiba-mais-sobre-ponte-estaiada-principal-simbolo-visual-de-teresina>. Acesso em: 15 out. 2020.

PIAUIHOJE.COM. **Homem de 95 anos morre em motel no Centro de Teresina**. Piauíhoje.com, 2016 Disponível em: <https://piauihoje.com/noticias/geral/idoso-de-95-anos-morre-em-motel-no-centro-de-teresina-60901.html>. Acesso em: 13 out. 2020.

RIBEIRO, Fabiana V. A prática socioespacial da resistência. *In*: CARLOS, Ana F. A.; SANTOS, César S.; ALVAREZ, Isabel P.(org.). **Geografia Urbana Crítica, teoria e método**. São Paulo: Contexto, 2018, p. 53-64.

SANTOS, César S. Escalas geográficas: instrumentos de observação ou objeto da investigação. *In*: CARLOS, A.; SANTOS, C.; ALVAREZ, I. (org.). **Geografia Urbana Crítica, teoria e método**. São Paulo: Editora Contexto, 2018, p. 89-108.

SILVA, Silvana. Produção do espaço urbano em Teresina (PI): um olhar sobre a área central. *In*: FAÇANHA, Antonio C.; SILVA, Cleonice C.; DIAS, Orleando L., C.(org.). **Teresina e as cidades na região**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2020.